



**UNIVERSIDADE FEDERAL CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**



ÁLVARO RODRIGO LIMA COSTA

**ADMINISTRAÇÃO DE CAPITAL DE GIRO NAS EMPRESAS CALÇADISTAS
DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS – PB**

**SOUSA
2013**

ÁLVARO RODRIGO LIMA COSTA

**ADMINISTRAÇÃO DE CAPITAL DE GIRO NAS EMPRESAS CALÇADISTAS DO
MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS – PB**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Ms. Flavio Lemenhe

**SOUSA
2013**

ÁLVARO RODRIGO LIMA COSTA

**ADMINISTRAÇÃO DE CAPITAL DE GIRO NAS EMPRESAS CALÇADISTAS DO
MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS – PB**

Monografia a ser apresentada como TCC, no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Campina Grande, à banca examinadora constituída pelo professor orientador e membros abaixo mencionados.

Sousa - PB, 30 de abril de 2013

Coordenador de TCC de Departamento de Ciências Contábeis

Professores que compõem a banca examinadora:

Flavio Lemenhe
Orientador

Francisco Dinarte de Sousa Fernandes

Marcos Macri

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, e ao meu anjo da guarda, que me direcionaram e me deram força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial ao Prof. Flavio Lemenhe e o Prof. Ms. Hiponio, responsáveis pela realização deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico esta, bem como, todas as demais conquistas, aos meus amados pais João Costa e Selma Leite, meus irmãos João Robson, Máxima Rejany e Juscelino Silva, a meus sobrinhos Renan, Bárbara, Leonardo e Théo e a minha avó Hilda Leite.

Em especial quero agradecer a uma pessoa que foi fundamental para essa conquista, minha namorada Tereza Cândida.

Obrigado pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena toda à distância, todo sofrimento, todas as renúncias... Valeu a pena esperar... Brevemente estaremos colhendo juntos, os frutos do nosso empenho! Essa vitória é nossa.

Quero muito agradecer aos meus colegas de turma, principalmente aqueles que me acolheram abrindo as portas de casa “A Fortaleza” para me receber, Renato Viana “O Tampinha”, William Magalhães “Baiano” e José Roberto “Beto”, bem como os demais colegas que tive maior afinidade, Daênio Casimiro, Thiago Macambira, Carlos Victor “Dadá”, Cedrigo Lobo e Railson Miranda. Foi muito bom conviver com vocês.

Muitíssimo Obrigado.

COSTA, Álvaro Rodrigo Lima. **Administração de capital de giro nas empresas calçadistas do município de Cajazeiras – PB.** 2013. 59p . Monografia (Graduação em Ciências Contábeis). Curso de Ciências Contábeis. Universidade Federal de Campina Grande, Sousa, 2013.

RESUMO

A contabilidade sempre foi um conhecimento presente desde os primórdios da humanidade, mesmo que empiricamente. Enquanto ciência ela objetivou-se permitir a cada grupo principal de usuários a avaliação da situação econômica e financeira da entidade, num sentido estático, bem como fazer inferências sobre as tendências futuras. Com isso, a contabilidade foi assumindo muitas áreas de abrangência como o capital de giro, evidentemente em função das características de atuação de cada empresa, do desempenho e conjuntura econômica e da relação de risco (liquidez) e rentabilidade desejada, uma vez que administrar bem o capital de giro e conhecer os melhores meios para obtê-lo podem levar ao sucesso organizacional deste número elevado de micro e pequenas empresas, como é o caso das empresas calçadistas. O estudo objetiva identificar as práticas de gestão do capital de giro adotadas nas empresas calçadistas do município de Cajazeiras – PB. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, exploratória e de cunho bibliográfico, além de ser caracterizada também como quanti-qualitativa. Para a realização da mesma foi utilizado um questionário semi estruturado. A pesquisa foi realizada em quatro lojas de calçados, localizadas no município de Cajazeiras – PB e a caracterização da amostra se deu a partir da análise dos dados referente as seguintes variáveis: tempo como gestor na empresa, quais o (s) gestor (es) responsável (eis) pela administração financeira da empresa, no que se refere a atividade econômica o que a empresa vende, quadro de profissionais, faturamento, a contabilidade é feita, a empresa elabora orçamento empresarial, a empresa utiliza técnicas de gestão do caixa, técnicas de gestão dos valores a receber, técnicas de gestão de estoques, técnicas de gestão dos valores a pagar, elaboração de orçamento de caixa, e o que a empresa considera necessária para a gestão eficaz do capital de giro. Conclui-se que a pesquisa foi de suma importância, pois, nota-se que praticamente não há muitos estudos a respeito da temática, o que dificultou a análise dos dados e o confronto direto com a literatura, porém possibilitou obter uma visão mais amplificada de como as empresas calçadistas atuam no mercado de trabalho, bem como, as suas principais características, sendo possível também compreender como ocorre a atuação do profissional contabilista nessas empresas, o que fará o estudo servir como base para pesquisas posteriores.

Palavras-chave: Contabilidade. Capital de giro. Administração de Capital de Giro.

COSTA, Álvaro Rodrigo Lima. **Management of working capital in the municipality of footwear companies Cajazeiras - PB**. 2013. 59p. . Monograph (Undergraduate Accounting). Accounting Course. Federal University of Campina Grande, Sousa, 2013.

ABSTRACT

The accounting knowledge has always been a present from the dawn of humanity, even if empirically. While science she aimed to allow each major group of users to evaluate the economic and financial situation of the entity in a static sense, and make inferences about future trends. Thus, the accounting was taking many coverage areas as working capital, obviously depending on the characteristics of performance of each company, the performance and economic conditions and the relative risk (liquidity) and desired profitability, as well administer working capital and know the best ways to get it can lead to organizational success of this large number of micro and small enterprises, as in the case of footwear companies. The study aims to identify the management practices adopted in the working capital of the municipality of companies Footwear Cajazeiras - PB. Methodologically, it is a field research, descriptive and exploratory nature of literature, and is also characterized as quantitative and qualitative. To carry out the same questionnaire was used semi-structured. The research was conducted in four shoe stores, located in the municipality of Cajazeiras - PB and sample characterization are given based on the analysis of data regarding the following variables: time as a manager at the company, which (s) manager (s) responsible (lo) for the financial administration of the company, with regard to the economic activity that the company sells, professional staff, billing, accounting is made, the company develops business budget, the company uses cash management techniques, techniques management of receivables, inventory management techniques, technical management of payables, cash budgeting, and what the company considers necessary for the effective management of working capital. We conclude that the search was of paramount importance, since it is noted that practically there are not many studies on the subject, making it difficult to analyze the data and direct confrontation with the literature, but allowed to obtain a more amplified as the footwear companies operating in the labor market, as well as their main features, and can also understand how does the performance of the professional accountant in these companies, which the study will serve as a basis for future research.

Keywords: Accounting. Working capital. Working Capital Management.

LISTA DE SIGLAS

AC - Ativo Circulante

AP - Ativo Permanente

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

CCL – Capital Circulante Líquido ou Capital de Giro Líquido

COFINS - Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social

CG - Capital de giro

CP - Passivo Circulante

ELP - Passivo Exigível a Longo Prazo

IRPJ - Imposto de Renda Pessoa Jurídica

ISSQN - Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza

MPE's - Micro e Pequenas Empresas, as (MPE's)

NCG - Necessidade de Capital de Giro

PIS – Programa de Integração Social

RLP - Ativo Realizado a Longo Prazo

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SOFTEX – Sociedade Brasileira para Exportação de Software

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Área de Atuação do Contador	24
Quadro 2: Representação gráfica - Tipos de Ciclos (Operacional, Econômico e Financeiro)	31
Figura 1. Balanço Patrimonial e capital de giro	32

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1: Formação do gestor responsável pela empresa	35
Tabela 2: Qual (is) o(s) gestor(es) responsável(eis) pela administração financeira da empresa	36
Tabela 3: No que se refere a Atividade Econômica, a empresa vende	37
Tabela 4 . Quadro de profissionais	38
Tabela 5: Faturamento total Bruto em 2012.	38
Tabela 6: Contabilidade “dentro da empresa” e “fora da empresa”.	39
Tabela 7: Orçamento empresarial	41
Tabela 8: Gestão caixa	42
Tabela 9: Valores receber	43
Tabela 10: Estoques	44
Tabela 11: Valores a pagar	44
Tabela 12: Orçamento caixa	45
Tabela 13: Gestão do Capital de giro	46

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	13
1.1 TEMA E PROBLEMA	13
1.2 OBJETIVOS	14
1.2.1 Objetivo geral	14
1.2.2 Objetivos específicos	15
1.3 JUSTIFICATIVA	15
1.4 METODOLOGIA	16
1.4.1 Classificação da pesquisa	16
1.4.2 Universo da pesquisa	18
1.4.3 Procedimento de coleta de dados	19
1.4.4 Apresentação e interpretações dos dados	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1 HISTÓRIA DA CONTABILIDADE	21
2.1.2 Objetivos da Contabilidade	23
2.1.2 Função do Contador	24
2.2 AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – MPE's	24
2.2.1 Conceito	25
2.2.2 As MPE's no Brasil	26
2.3 ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA NAS (MPE'S)	27
2.4 CAPITAL DE GIRO	29
2.4.1 Tipos de Ciclo	30
2.4.2 Administração de Capital de Giro	32
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	34
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA	34
3.1.1 Empresa	34
3.1.2 Formação do gestor responsável pela administração do capital de giro ou administração financeira da empresa	35
3.1.3 Tempo de atuação, na empresa, do gestor responsável pela administração do capital de giro	36
3.1.4 Gestores responsáveis pela administração financeira da empresa	36
3.1.5 Atividade Econômica	37
3.1.6 Quantidade de profissionais da empresa	38
3.1.7 Faturamento bruto da empresa	38
3.8 Contabilidade “dentro da empresa” e contabilidade “fora da empresa”	39
3.2 DADOS REFERENTES AOS OBJETIVOS DA PESQUISA	40
3.2.1 Orçamento empresarial	40
3.2.2 Gestão caixa	42
3.2.3 Valores receber	43
3.2.4 Estoques	43
3.2.5 Valores a pagar	44
3.2.6 Orçamento caixa	45

3.2.7 Gestão do capital de giro	45
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES	54
APÊNDICE A: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (QUESTIONÁRIO)	55
APÊNDICE B: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (QUESTIONÁRIO)	57

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se a importância que as micro e pequenas empresas têm no desenvolvimento da economia atual. Além de serem instituições fundamentais como geradoras de empregos, cumprindo um papel relevante na sociedade, elas também são a origem de médias empresas. Este segmento é bastante representativo para a cidade de Cajazeiras – PB e por isso se faz necessário uma atenção especial à administração do capital de giro.

Segundo Assaf Neto e Silva (2008, p.516), “O nível e a importância do capital de giro variam, evidentemente, em função das características de atuação de cada empresa, do desempenho e conjuntura econômica e da relação de risco (liquidez) e rentabilidade desejada”.

Administrar bem o capital de giro, conhecer os melhores meios para obtê-lo podem levar ao sucesso organizacional deste número elevado de micro e pequenas empresas.

Assim almeja-se a partir dessa pesquisa evidenciar as abordagens e questões pertinentes à administração de capital de giro e sua necessidade em fomentar o fluxo financeiro das micro e pequenas empresas na cidade de Cajazeiras – PB, enfatizando as formas mais aplicadas e adequadas para uma melhor administração do capital de giro.

1.1 TEMA E PROBLEMA

É notório o impacto que as micro e pequenas empresas têm sobre a economia do nosso país; pesquisas estatísticas demonstram através de resultados a relevância desse segmento no conceito macroeconômico; hoje, as micro e pequenas empresas, as (MPE's), como são conhecidas, contribuem com uma grande parcela para o desenvolvimento econômico do nosso país, chegando a ser 98% do número de empresas formais, e sendo responsáveis por

20% do Produto Interno Bruto – PIB brasileiro, que juntas empregam 15 milhões de pessoas (SEBRAE, 2005, *on line*). Porém, dentro dessas estatísticas está também a falência precoce de muitas MPE's; os dados nos mostram a fragilidade dos empreendedores; a falta de preparo que impactam diretamente nos novos empreendimentos, pois mais de 50% das empresas encerram suas atividades em até quatro anos, sendo destacado o despreparo e a falta de conhecimentos gerenciais, um dos principais motivos (SEBRAE, 2004, p.11 e 15).

Tendo como base os dados e o conceito visto acima, essa pesquisa tem como **tema** a administração de capital de giro nas empresas calçadistas situadas na cidade de Cajazeiras – PB; de que forma as empresas administram o seu capital de giro visando aumentar a liquidez das mesmas, bem como ressaltar a importância uso adequado dos seus recursos.

Diante deste cenário, surge o **problema: como ocorrem as práticas de gestão do capital de giro adotadas nas empresas Calçadistas do município de Cajazeiras – PB? Quais as alternativas utilizadas na administração de capital de giro das micro e pequenas empresas da cidade de Cajazeiras – PB? Quais os aspectos mais relevantes no cotidiano da administração de capital de giro das nas MPE's de Cajazeiras – PB? Quais as práticas descritas pelos empresários com as sugestões de especialistas? Como os estudos referentes as MPE's, podem diagnosticar os problemas relacionados a capital de giro dos micro e pequenos empreendedores nesse setor.**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo geral

Identificar as práticas de gestão do capital de giro adotadas nas empresas Calçadistas do município de Cajazeiras – PB.

1.2.2 Objetivos específicos

Para atingir o objetivo geral e conseqüente, responder ao problema proposto definiu-se como objetivos específicos, os seguintes:

- ✓ Analisar as alternativas utilizadas na administração de capital de giro das micro e pequenas empresas da cidade de Cajazeiras – PB.
- ✓ Evidenciar os aspectos mais relevantes no cotidiano da administração de capital de giro das nas MPE's de Cajazeiras - PB.
- ✓ Comparar as práticas descritas pelos empresários com as sugestões de especialistas;
- ✓ Contribuir com os estudos referentes as MPE's, diagnosticando os problemas relacionados a capital de giro dos micro e pequenos empreendedores nesse setor.

1.3 JUSTIFICATIVA

Pesquisas realizadas no início do ano de dois mil e onze e divulgadas no final de fevereiro, apontaram que aproximadamente 80% das mais 152 mil das vagas com carteira assinada criadas em janeiro no mercado de trabalho brasileiro foram geradas dentro de micro e pequenas empresas, revelam os dados do CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados).

As Micro e Pequenas Empresas são consideradas as maiores propulsoras da economia nacional em relação a emprego e renda, e tendo em vista contribuir com estudos referentes a área de (MPE's), que embora seja uma área bastante abrangente dentro do contexto macro econômico no Brasil e região, ainda são poucos os estudos envolvendo a administração financeira das mesmas, bem como, uma forma de instrução aos micro e pequenos empreendedores, que não tem um conhecimento suficiente para administrar suas empresas, fazendo com que elas se tornem muito mais rentáveis, e que cada vez mais sejam

sustentáveis, diminuindo assim, o número de (MPE's) que encerram suas atividades de forma precoce. Iremos abordar nessa pesquisa, informações à respeito deste tema, dentro da realidade em que está enquadrado esse segmento empresarial no cenário econômico da cidade de Cajazeiras – PB.

Aparentemente as micro e pequenas empresas, pouco se preocupam com o controle interno de suas atividades, nem com os registros contábeis que podem ser utilizadas como base de dados para auxiliar na gestão financeira. Dessa maneira, os empreendedores dos negócios de pequeno porte, as (MPE's), tomam as decisões pertinentes a empresa de olhos vendados, pois os mesmos não tem a noção exata da situação financeira da empresa.

Com isso, essa pesquisa, visa incentivar os gestores das micro e pequenas empresas, passar a usar as informações contábeis como indicadores da atual situação da empresa com relação a suas finanças, e a partir daí, aplicar seus recursos de forma adequada a sua empresa, e ao momento em que passa no cenário atual.

1.4 METODOLOGIA

1.4.1 Classificação da pesquisa

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, de acordo com o tipo de pesquisa, esse estudo é classificado como bibliográfico e de campo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica tendo em vista a utilização de livro, artigos e monografias relacionados ao tema capital de giro e, de uma pesquisa de campo, considerando que o pesquisador foi a campo investigar as práticas adotadas pelos empresários e as sugestões apresentadas pelos especialistas.

A pesquisa é bibliográfica, por possuir uma natureza teórica, utilizando-se como material bibliográfico: livros, artigos científicos, leis, periódicos, monografias e dissertações, além de material adquirido na *internet*.

O trabalho em análise será feito com base em livros, artigos com o propósito de conhecer profundamente a abordagem, permitindo identificar se os

micro e pequenos empreendedores de Cajazeiras – PB identificam as práticas e gestão de capital de giro adotadas nas empresas calçadistas instaladas no município de Cajazeiras – PB. Essa identificação ocorrerá com base em interpretações e análises de estudiosos nesse assunto.

De acordo com Gonsalves (2007) pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre – ou ocorreu – e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. Muitas pesquisas utilizam esse procedimento, sobretudo aquelas que possuem um caráter exploratório ou descritivo.

O presente estudo se tratará de uma pesquisa descritiva, pois, procurou-se descrever as práticas adotadas pelos empresários do setor de calçados com atividade no município de Cajazeiras/PB.

Segundo Gonsalves (2007) a pesquisa descritiva objetiva escrever as características de um objeto de estudo. Dentre esse tipo de pesquisa estão as que utilizam as características de um grupo social, nível de atendimento do sistema educacional, como também aquelas que pretendem descobrir a existência de relações entre variáveis.

Conforme a natureza dos dados utilizados na pesquisa, a mesma caracteriza-se como quantitativa e qualitativa, como explica Gonsalves (2007), a pesquisa qualitativa é aquela que se preocupa com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica.

Embasando-se a partir de Souza, Fialho e Otani (2007), a pesquisa quantitativa objetiva quantificar, ou seja, traduzir em números opiniões e informações para permitir classificá-las e analisá-las, o que por sua vez, requer o uso de procedimentos estatísticos (percentagem, média, moda, mediana, desvio padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, entre outras). A pesquisa qualitativa considera a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, ocorre um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade

do sujeito e esse tipo de informação não pode ser traduzido em números. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.

1.4.2 Universo da pesquisa

Megliorini, Weffort e Holanda (2010, p. 20) assim conceituam população e amostra:

população é a totalidade dos elementos que possuem em comum determinadas características de interesse para uma pesquisa. Amostra é um subconjunto de uma população que possa representá-la. Esses conceitos são relativos e dependem das circunstâncias do estudo que se deseja realizar. (...). Assim, o entendimento do que seja população e amostra deve estar intimamente relacionado ao contexto em questão.

Obeve-se da Coletoria (em Cajazeiras/PB) relação de empresas que tinham em sua atividade econômica a comercialização de calçados. Na referida relação constam 134 empresas. Como informação adicional, soube-se que não seria possível definir quantas nem quais destas estavam em atividade. Diante da situação, optou-se, então, por definir uma amostra por julgamento.

Megliorini, Weffort e Holanda (2010, p. 44), ao comentarem sobre a amostra por julgamento, explicam que “com um bom julgamento e estratégia adequada é possível colher amostras que sejam satisfatórias para o estudo”, enfatizando que esse tipo de amostra “não permite determinar a magnitude do erro amostral, e, também, não se pode fazer afirmações conclusivas” sobre a população.

Com base nas orientações obtidas na Coletoria e no conhecimento do pesquisador, foram coletadas informações de empresas que comercializam calçados no município de Cajazeiras-PB. Em conjunto com a pessoa que prestou atendimento na Coletoria, o pesquisador listou as empresas classificadas como principais. Aliado a essa forma de seleção prévia, foi perguntado aos empresários quais as empresas que eles consideravam como principais concorrentes, chegando-se a um total de 4 (quatro) empresas, pois as mesmas tratam-se das mais importantes da região.

O procedimento acima descrito, caracteriza-se como seleção de uma amostra por julgamento, como explicam Megliorini, Weffort e Holanda (2010, p. 44), “escolher grupos pré-estabelecidos e colher suas opiniões é um exemplo de amostra desse tipo [amostra por julgamento]”.

1.4.3 Procedimento de coleta de dados

Foi utilizado para a coleta de dados questionário semi estruturado com questões objetivas e subjetivas, pertinentes ao objetivo da temática. Dois questionários foram elaborados, um direcionado aos empresários (APÊNDICE A) e outro aos especialistas (APÊNDICE B).

Amaro, Póvoa e Macedo (2005) explicam que o questionário é um instrumento de investigação que visa colher informações baseando-se na inquisição de um grupo representativo da população em estudo, sendo algo extremamente útil quando um investigador pretende colher informação sobre um determinado tema.

Gil (2010, p. 121) define questionário:

como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

A definição apresentada por Gil (2010), reforça a utilização do instrumento de coleta de dados, pois, o questionário possibilitou coletar informações sobre as práticas empresariais relacionadas ao capital de giro, bem como as sugestões dos especialistas.

Em março de 2013 foi aplicado questionário com empresários do setor de calçados que atuam no município de Cajazeiras/PB. E, em abril do corrente ano foram aplicados questionários com profissionais conhecedores do tema capital de giro.

De posse dos resultados obtidos, fez-se a análise das respostas indicadas pelos empresários (relativas à gestão do capital de giro), utilizando-se a fundamentação teórica (livros, artigos e monografias) e as sugestões dos profissionais também pesquisados.

1.4.4 Apresentação e interpretações dos dados

Ao se realizar a análise dos dados foram utilizados os softwares Word e Excel para elaboração de tabelas e gráficos. Com a análise dos resultados buscou-se atingir os objetivos relacionados na pesquisa.

A investigação das práticas de gestão do capital de giro adotadas nas empresas calçadistas do município de Cajazeiras deu-se por meio de aplicação de questionário, no qual foram consideradas as seguintes variáveis: empresa, formação do gestor (responsável pela gestão do capital de giro), tempo de atuação do gestor, quantidade e classificação do(s) gestor(es) responsável(eis) pela gestão do capital de giro (sócio ou funcionário), produtos comercializados pela empresa, número de profissionais, faturamento, contabilidade própria ou terceirizada, elaboração de orçamento empresarial, utilização de técnicas de gestão de caixa, gestão de valores a receber, gestão de estoques e gestão valores a pagar e elaboração de orçamento de caixa, bem como principais itens considerados pelos empresário quando da gestão do capital de giro.

Aliada à investigação das práticas de gestão do capital de giro adotadas nas empresas, buscou-se colher as opiniões/orientação dos especialistas, de forma semelhante ao realizado com os empresários. Isso deu-se, principalmente, pelo fato de os empresários pesquisados não tecerem comentários sobre as práticas adotadas pela empresa (o questionário continha espaços para comentários que não foram respondidos pelos gestores).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Não há como discorrer a respeito do capital de giro sem antes fazer um apanhado a respeito da história da Contabilidade, bem como, os seus objetivos. Dando ênfase também a administração financeira nas micro e pequenas empresas. Como será exposto adiante.

2.1 HISTÓRIA DA CONTABILIDADE

O nascimento da Contabilidade é advindo da era pré-histórica, juntamente com a origem das civilizações e o seu desenvolvimento foi muito lento ao longo dos séculos. As primeiras civilizações surgiram há aproximadamente 6.000 anos, partindo dos diversos vilarejos agrícolas existentes nos contrafortes montanhosos do Oriente Próximo. A primeira foi a da Mesopotâmia, onde houve o aparecimento das técnicas da irrigação nas cidades, o que fez com que surgissem os excedentes agrícolas que possibilitaram o emprego de parte da população em outras atividades como a manufatura e o comércio, tinha início à urbanização (BUESA, 2010).

O desenvolvimento da contabilidade, que teve a primeira etapa chamada de fase empírica da Contabilidade, onde eram utilizados desenhos, figuras e imagens para identificar o patrimônio. Como ciência, propriamente dita, chegou apenas no início do século XIX, por volta do ano de 1836, quando a Academia de Ciências da França adotou a Contabilidade como ciência social, e assim também entenderam grandes pensadores modernos de nossa disciplina. (BUESA, 2010).

A Contabilidade nasceu com a civilização, portanto, suas bases são remotas, mas pode-se classificar em períodos principais, como, por exemplo, o período primitivo, racional, literário, pré-científico, científico e filosófico-normativo. As contas primitivas registravam os objetos e as quantidades, assim, pois, antes mesmo de o homem saber escrever e calcular.

Com o desenvolvimento das sociedades, já sob o domínio da arte de escrever e calcular exercerá decisivamente na evolução dos registros contábeis. O ambiente da racionalização e sistematização de registros, coma implantação do catolicismo no Ocidente e os grandes reinos bárbaros, ofereceram bases para aplicações contábeis na Idade Média. As primeiras difusões do conhecimento contábil se intensificam depois da imprensa de Gutemberg, tendo como marco a publicação da obra de Luca Pacioli, em 1494 e, ainda, grande manifestação da literatura islâmica.

O Período Pré-Científico tem como características o tarefa dos estudiosos em distinguir a informação daquilo que ela pode explicar cujo papel importante cabe à escrita, mas, todas as fases tiveram sua parcela de contribuição no edifício de saber. No Período Científico da Contabilidade “já se havia transposto a ótica de observar o registro e a conta como objeto de estudos, ou seja, estava consolidada a idéia de que nada vale a informação se não sabemos o que fazer com a mesma e que a conta é simples instrumento de registro e não o objeto de observação”. A primeira escola de pensadores foi liderada por Francesco Vila e se denominava Materialismo Substancial, na qual se identificava a escrita contábil apenas como “a parte mecânica”, e, ainda, “não se devendo admitir que Contabilidade limita-se no registrar e demonstrar”, pois, a riqueza é a “substância”.

A Escola Personalista (O Personalismo) surgiu em razão da supremacia do estudo em função dos direitos e obrigações representar relações fortes e ângulo de observação específico. Como oposição aos Personalistas, surge o Controlismo, para o qual a Contabilidade tinha como objeto de seu estudo o “controle da riqueza aziendal”. Para a doutrina Reditualista (O Reditualismo) o princípio é admitir que o lucro seja o que mais preocupa como objeto de estudo, “sendo o fenômeno básico a ser observado, embora com a relatividade necessária”. Desde a Antigüidade, a preocupação do primitivo sempre foi a riqueza, seu patrimônio. Na teoria Patrimonialista, criada por Vincenzo Masi, diferentemente dos contistas, controlistas, personalistas e aziendalistas; preocupa-se com a essência em vez da forma e analisa o patrimônio sob o seu aspecto estático e seu aspecto dinâmico. O Neopatrimonialismo, embora tenha por base a evolução das idéias de Masi,

possui características próprias diferenciando-se de outras doutrinas. Tendo como grande axioma a eficácia, a sua teoria das funções sistemáticas patrimoniais classifica os sistemas em: Sistemas Básicos; Auxiliares e Complementares.

O Período Filosófico Normativo na História da Contabilidade definiu, na modernidade, algumas correntes científicas, prevalecendo mesclas de pragmatismo, anulando-se as correntes contistas, controlistas, personalistas, neocontistas e reditualistas. Em contrapartida, fortaleceram-se o aziendalismo, embora tenha logo depois se arrefecido, dando proeminência ao patrimonialismo, que ganhou campo em todo o mundo, conseguindo desenvolver-se.

2.1.1 Objetivos da Contabilidade

Segundo Marion (2005), a estrutura conceitual básica da Contabilidade, entre outros tópicos, trata dos objetivos, cenários e princípios da Contabilidade.

A contabilidade pode ser considerada como sistema de informação destinado a prover seus usuários de dados para ajudá-los a tomar decisão. Usuário pode ser considerado como qualquer pessoa (física ou jurídica) que tenha interesse em conhecer dados (normalmente fornecidos pela contabilidade) de uma entidade. Os usuários podem ser internos (gerentes, diretores, administradores, funcionários em geral) ou externos à empresa (acionistas, instituições financeiras, fornecedores, governo, sindicatos).

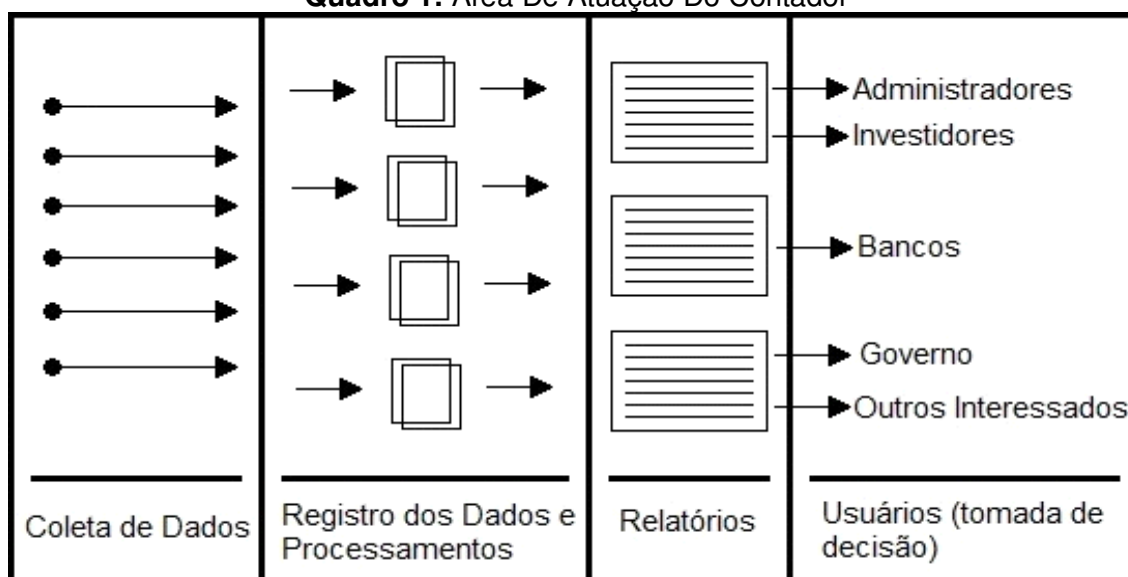
Normalmente, os dados são elementos importantes constantes nos Relatórios Contábeis (resumos, periódicos e ordenados), que abrangem informações econômico-financeiras (patrimônio, capital, fluxo de caixa e despesas etc.).

O objetivo principal da contabilidade, conforme a Estrutura Conceitual Básica da Contabilidade é o de permitir a cada grupo principal de usuários a avaliação da situação econômica e financeira da entidade, num sentido estático, bem como fazer inferências sobre as tendências futuras.

2.1.2 Função do Contador

Conforme Marion (2005) a função básica do contador é produzir informações úteis aos usuários da Contabilidade para a tomada de decisões. Ressaltemos, entretanto, que, em nosso país, em alguns segmentos de nossa economia, principalmente na pequena empresa, a função do contador foi distorcida (infelizmente) estando voltada exclusivamente para satisfazer as exigências do fisco.

Quadro 1: Área De Atuação Do Contador



Fonte: Marion (2005).

2.2 AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – MPE's

As micro e pequenas empresas (MPE's) constituem na atualidade uma alternativa tanto para a minoria da população que possui condições de desenvolver seu próprio negócio quanto para o restante, com baixa qualificação, que busca uma fonte de emprego formal ou informal.

Esse setor teve um grande impulso na década de 1990, também conhecido como década perdida, com a desaceleração da economia gerando um aumento na taxa de desemprego. Surgem então os micros empreendimentos como

alternativa de ocupação para os recém-desempregados e as primeiras iniciativas como implementação do primeiro estatuto da Micro Empresa em 27 de novembro de 1984 (Lei Federal n 7256). Porém os novos empreendedores não tinham conhecimentos suficientes para desenvolverem, que ocasionou à alta mortalidade das empresas.

O cenário brasileiro neste setor começa a se tornar efetivamente na década de 90 quando surgiu o SEBRAE – Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas e a SOFTEX – Sociedade Brasileira para Exportação de Software.

O SEBRAE é o órgão que oferece suporte aos novos empreendedores e consultoria na gestão de negócios. Já SOFTEX foi criada com o intuito de proporcionar a capacitação de empresários na área de tecnologia assim como o acesso ao mercado externo.

2.2.1 Conceito

Há algumas limitações básicas para que uma empresa seja considerada uma micro ou pequena empresa (MPEs) no Brasil e, como consequência, aproveitar algumas vantagens desse status como, por exemplo, a inclusão no Super Simples. Atualmente, há pelo menos três definições utilizadas para limitar o que seria uma pequena ou micro empresa.

A definição, mais comum e mais utilizada, é a que está na Lei Geral para Micro e Pequenas Empresas. De acordo com essa lei, que foi promulgada em dezembro de 2006, as micro empresas são as que possuem um faturamento anual de, no máximo, R\$ 240 mil por ano. As pequenas devem faturar entre R\$ 240.000,01 e R\$ 2,4 milhões anualmente para ser enquadradas.

Outra definição vem do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). A entidade limita as micro às que empregam até nove pessoas no caso do comércio e serviços, ou até 19, no caso dos setores industrial ou de construção. Já as pequenas são definidas como as que empregam de 10 a 49 pessoas, no caso de comércio e serviços, e 20 a 99 pessoas, no caso de indústria e empresas de construção. Já órgãos federais como Banco Nacional de

Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) têm outro parâmetro para a concessão de créditos. Nessa instituição de fomento, uma microempresa deve ter receita bruta anual de até R\$ 1,2 milhão; as pequenas empresas, superior a R\$ 1,2 milhão e inferior a R\$ 10,5 milhões.

2.2.2 As MPE'S no Brasil

No Brasil, surgem cerca de 460 mil novas empresas por ano. A grande maioria é de micro e pequenas empresas. As áreas de serviços e comércio são as com maior concentração deste tipo de empresa. Cerca de 80% das MPEs trabalham nesses setores. Essa profusão de empresas se deve a vários fatores, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Desde os anos 90, grandes empresas instaladas no Brasil, acompanhando uma tendência mundial, incentivaram o processo de terceirização de áreas que não são consideradas essenciais para o seu negócio. Assim, começaram a surgir empresas de segurança patrimonial, de limpeza geral. Além disso, outras empresas menores, tentando fugir dos encargos trabalhistas altíssimos do País (um funcionário chega a custar 120% a mais que seu salário mensal), optaram por dispensar seus funcionários e contratar micro e pequenas empresas. O Estatuto da Micro e Pequena do Brasil, de 1998, já começou a facilitar essa política empresarial.

Além disso, o desemprego brasileiro, que historicamente gira em torno de 14% - segundo a metodologia do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), contribuiu para que surgissem mais MPEs. Apesar do sonho do seu próprio negócio ser um dos discursos mais comuns entre assalariados brasileiros, ser empreendedor (seja micro ou pequeno) é uma atividade que ainda tem vários percalços no caminho.

2.3 ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA NAS (MPE'S)

Para Chiavenato (2006), finança significa a ação de prover os meios de pagamento, incluindo o planejamento financeiro, a estimativa de entradas e saídas de caixa, o levantamento de fundos, o emprego e a distribuição desses fundos e o seu controle financeiro para confrontar o que foi realmente executado com os planos originais. Com base nisso, constata-se que o termo administração financeira vai mais além de providenciar para que as contas sejam pagas, tornando-se necessário criar meios para perpetuar a empresa e alcançar os lucros previstos pelos proprietários ou acionistas. De forma simples, a administração financeira visa providenciar os recursos para pagamento das contas e busca maximizar o valor atual dos lucros futuros dos proprietários ou acionistas.

De acordo com a visão do autor supra citado, existe a necessidade de se confrontar o realizado com o planejamento. Aqui reside o problema de grande parte das organizações. Segundo o SEBRAE, 75% das micro e pequenas empresas fecham entre seus dois primeiros anos de vida em função de não haver um planejamento adequado à sua realidade. Isto ratifica o problema existente nas organizações que não têm o hábito de promoverem uma gestão financeira em seu negócio.

Um fator agravante para o problema é quanto ao custo do profissional. Contratar alguém especializado pode ser oneroso para a empresa, que já é bastante sacrificada com os pesados impostos e encargos trabalhistas. Entretanto as organizações podem se valer do profissional que já é pago para auxiliá-las nas questões financeiras. O contador. Diante do exposto é possível começar a tratar do assunto administração financeira como um fator importante para as organizações se sustentarem num mercado altamente competitivo.

Um ponto importante é o fator comunicação. Todos na empresa têm o dever de caminhar numa única direção a fim de que se promova o princípio da unidade de direção, que segundo Chiavenato (*apud* FAYOL, 2000, p.86) significa que “uma cabeça e um plano para cada conjunto de atividades que tenham o mesmo objetivo”.

De acordo com Mendes (2006, p.18) “a comunicação significa tornar comum, trocar informações, partilhar idéias, sentimentos, experiências, crenças e valores por meio de gestos, atos, palavras, figuras, imagens, símbolos, etc.”.

É preciso, portanto, tornar comum todos os planejamentos da organização para que haja conformidade nas ações de todos os seus colaboradores. Assim alinha-se o sentido dos objetivos organizacionais.

Uma vez que se traz para perto um profissional da área financeira e se tem um processo de comunicação de mão-dupla, é possível haver, então, o início do planejamento financeiro. Com o estudo dos demonstrativos contábeis (balanço patrimonial e demonstrativo de resultados do exercício e livro diário), podem-se extrair informações como valores investidos em marketing e propaganda, ações de venda, seus custos e despesas fixas e variáveis, enfim, todos os desembolsos e entradas de caixa podendo assim analisar item por item no sentido de descobrir qual conta teve maior impacto no resultado.

De posse destas informações a organização, juntamente com seu contador, pode estudar estes números e verificar se estão adequados à realidade do negócio. Este estudo determinará os valores a serem “perseguidos” durante um período (um ano, por exemplo). Será a *meta* da empresa. Os números levantados compõem o orçamento financeiro. Este documento é de grande importância para a administração financeira por que se trata das diretrizes que regerão a organização por todo um período.

2.4 CAPITAL DE GIRO

O termo giro refere-se aos recursos de curto prazo da empresa, que em geral, são capazes de serem convertidos em caixa no prazo máximo de um ano (AMARAL, 2009). Assim, Assaf Neto (2008), diz que o capital de giro (CG) possui distintas interpretações que são aplicadas segundo os critérios da natureza do estudo desenvolvido. Conceitualmente o capital de giro identifica os recursos que giram (circulam) varias vezes em determinado período, correspondendo assim a uma parcela de capital aplicada pela empresa em seu ciclo operacional, a qual

assume diversas formas durante o seu processo produtivo e de venda, representando o valor total dos recursos demandados pela empresa.

Com base Amaral (2009), expondo de forma simples, o capital de giro líquido de uma empresa define-se como o ativo corrente menos o passivo corrente, o que por sua vez, pode ser compreendido como o capital necessário no curto prazo para dirigir os negócios de uma empresa.

Pires; Panhoca e Bandeira (2010), acrescentam que o CG é o montante dos recursos que não foram imobilizados e são movimentados diariamente pela empresa. Já o capital circulante líquido (CCL) ou capital de giro líquido (CGL) pode ser demonstrado a partir da parcela do ativo circulante que não está comprometida com as obrigações da empresa, o passivo circulante. Por isso, tanto um resultado positivo quanto negativo devem ser avaliados contundentemente de acordo com o mercado em que a empresa está inserida e conforme sua sazonalidade.

Assaf Neto (2008), explica que o CGL representa o valor das aplicações processadas no ativo circulante da empresa. Assim, subtende-se que a forma mais direta de obter o valor do capital de giro líquido é a partir da diferença simples entre o ativo circulante e o passivo circulante. Com isso, para adequar-se as necessidades de aplicações a curto prazo, bem como, a política de produção e venda adotada pela empresa, é primordial que haja a administração desse volume de capital de giro.

Com relação ao ciclo operacional, Paulo e Moreira (2003), dizem que ele inicia-se com a compra de matéria-prima e encerra-se com o recebimento da venda, pois, é ao longo desse período que ocorrem os ciclos econômico e financeiro. Da mesma forma, se ocorrem desembolsos de custos e despesas nas operações após o recebimento da venda, o ciclo econômico se encerra após o último desembolso. Já o ciclo financeiro se inicia com o primeiro desembolso e termina, em geral, com o recebimento da venda. Uma boa administração do capital de giro envolve alta rotação (giro) ao circulante, tornando mais dinâmico o seu fluxo de operações. Com isso, esse incremento de atividade no capital de giro

proporciona a empresa menor necessidade de imobilização de capital circulante e consequente incentivo ao aumento da rentabilidade.

Soares, Farias e Soares (2011), explicam há a necessidade de capital de giro para um bom funcionamento de uma empresa, sendo necessário que ela possua capital de giro suficiente para realizar suas operações. A Necessidade de Capital de Giro (NCG) é a diferença entre Ativos e Passivos Operacionais. É positiva quando o ciclo operacional for maior que o prazo médio de pagamento e negativa quando o contrário ocorrer. A empresa tem mais financiamentos operacionais do que investimentos operacionais, o que faz com que sobre recursos das atividades operacionais, os quais poderão ser usados para aplicação no mercado financeiro ou para expansão de planta fixa. Como fonte de financiamento das Necessidades de Capital de Giro a empresa conta normalmente com três alternativas: Capital Circulante Próprio; Empréstimos e Financiamentos a Bancários de Longo Prazo e Empréstimos Bancários de Curto Prazo e Duplicatas Descontadas.

2.4.1 Tipos de Ciclo

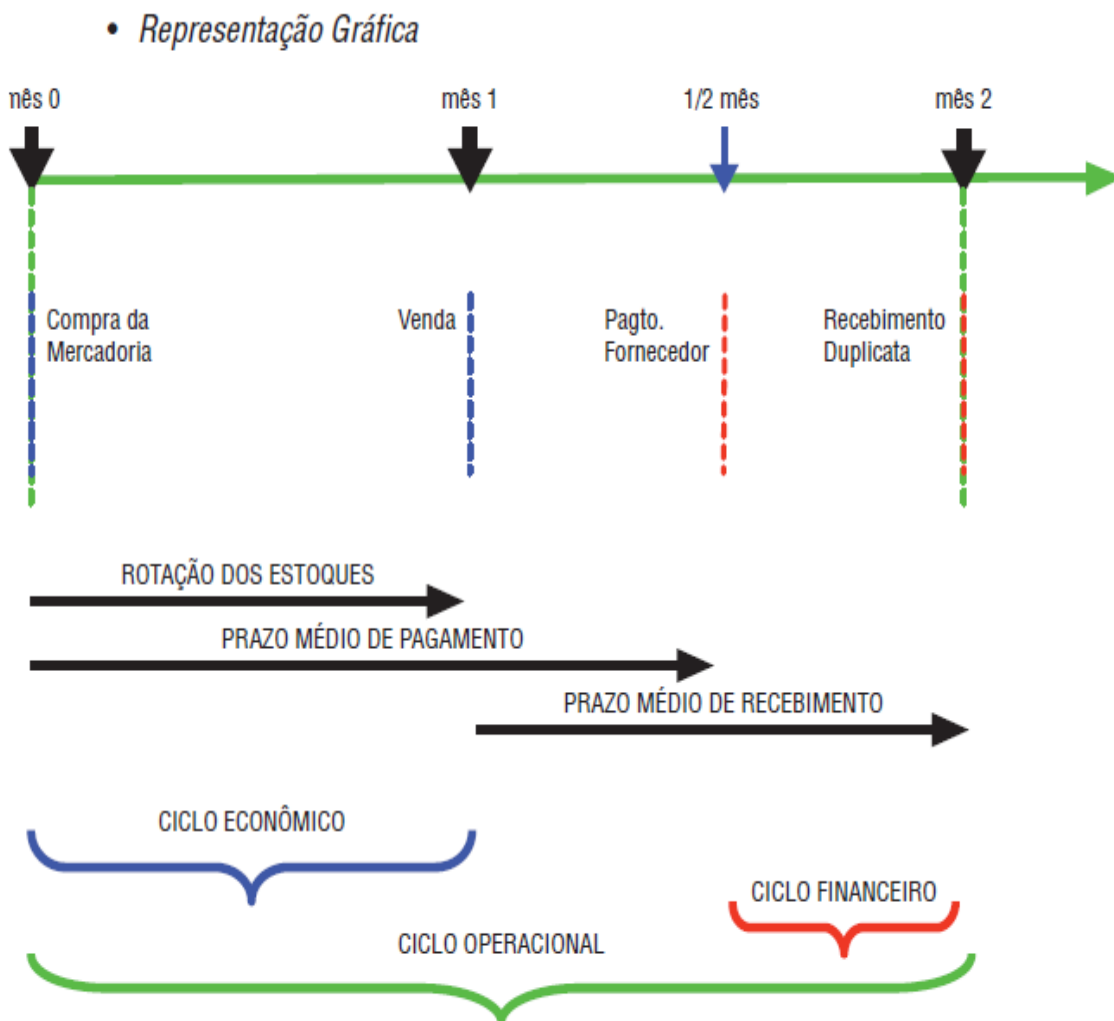
O capital de giro possui três tipos distintos de ciclos: o ciclo econômico, o ciclo financeiro e o ciclo operacional.

O ciclo econômico refere-se ao período em que a mercadoria permanece nas dependências da empresa, ou seja, inicia-se com a compra da mercadoria e encerra-se com a venda da mesma. Este ciclo pode ser entendido como o giro de estoques, pois é ele que nos diz quanto tempo a empresa está demorando a girar o seu estoque. Assim é passível compreender que quanto maior o estoque, mais lento será o giro do mesmo (RAMOS).

O autor mencionado explica que o ciclo financeiro tem início com o desembolso de numerários para a aquisição da mercadoria que será revendida pela empresa e encerra-se com o recebimento relativo à venda da mesma, pode ser chamado de ciclo de caixa. Caso o giro do estoque seja lento, primeiro a empresa pagará para após receber, ocasionando em desembolso desnecessário.

O ciclo operacional, segundo Ramos, representa os dois ciclos juntos, iniciando-se quando da compra da mercadoria e encerrando-se quando da venda ou do recebimento dos recursos da venda. Este ciclo inicia-se junto com o Ciclo Econômico ou Ciclo Financeiro, o que ocorrer primeiro, e encerra-se junto com o encerramento do Ciclo Econômico ou Financeiro, o que ocorrer por último. Assim, a diferença básica entre os ciclos no início está no pagamento ao fornecedor ou a entrada da mercadoria do estoque e no encerramento, a saída da mercadoria do estoque ou o recebimento do cliente.

Quadro 2: Representação gráfica - Tipos de Ciclos (Operacional, Econômico e Financeiro)



Fonte: Ramos (p.84)

2.4.2 Administração de Capital de Giro

A Administração de Capital de Giro compõe o planejamento, o gerenciamento e o controle dos recursos financeiros, procedentes de obrigações com vencimento em curto e longo prazo, aplicados no Ativo circulante das empresas. Estes recursos financeiros, por sua vez, podem ser representados pelo Passivo circulante e pelo excedente do Passivo não circulante (OLIVEIRA, 2009).

A Gestão do Capital de Giro apresenta certa dinamicidade e exige a atenção diária dos executivos financeiros, com o total comprometimento de gerentes de outras áreas, como setores de compras e comercial. Vale salientar que aproximadamente 60% do tempo do administrador financeiro é dedicado ao gerenciamento do capital de giro (OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Dias; Sgarbi (2011), a gestão de capital de giros e a administração de capital de giro abrange a administração das contas circulantes da empresa, sendo também um dos aspectos mais importantes da administração financeira considerada globalmente, de modo que, os ativos circulantes representam mais da metade do ativo total, e uma parcela dos financiamentos totais que é representado pelo passivo circulante nas empresas.

O quadro abaixo demonstrará o capital de giro e o balanço patrimonial, vejamos:

Figura 1. Balanço Patrimonial e capital de giro

ATIVO	PASSIVO
Ativo Circulante (AC) Disponível Valores a Receber Estoques	Passivo Circulante (PC) Fornecedores Salários e Encargos Sociais Empréstimos e Financiamentos
Ativo Realizado a Longo Prazo (RLP)	Passivo Exigível a Longo Prazo (ELP) Empréstimos e Financiamentos
Ativo Permanente (AP) Investimentos Imobilizados Diferido	Patrimônio Líquido Capital Reservas Lucros/Prejuízos Acumulados

Fonte: Dias; Sgarbi (p. 02 e 03, 2011).

Desse modo, Paulo e Moreira, discorrem que a gerência do capital de giro precisa manter um nível satisfatório de capital de giro, uma vez que os ativos circulantes devem ser suficientemente consideráveis de modo a cobrir seus passivos circulantes, o que garante relativamente uma margem de segurança. Assim, observa-se que a administração financeira pode agrupar meios que permitam o exercício de procedimentos gerenciais com elevado grau de eficiência e eficácia.

Pedrosa (2009), destaca que pesquisas desenvolvidas mostram que a gestão do capital de giro é um componente importante da gestão financeira. E chegam à conclusão que o administrador pode e deve criar valor ao acionista por meio da gestão de prazos. Em virtude das rápidas mutações que ocorrem nos itens do ativo circulante, a gestão do capital de giro é extremamente dinâmica, e qualquer falha nesta área de atuação poderá afetar a solvência da empresa prejudicando sua rentabilidade. De modo que, as contas não podem ser pagas com estoques ou com as duplicatas a receber.

Assim, observa-se que o processo de planejamento financeiro consiste numa das grandes fontes de contribuição para o sucesso organizacional, uma vez que, a análise da liquidez proporciona respostas para o administrador com relação a decisões fundamentais como, por exemplo, o aproveitamento de oportunidades de investimento, o nível de endividamento a assumir e o montante de lucros a distribuir entre os acionistas sob a forma de dividendos (PEDROSA, 2009).

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados da pesquisa estão estruturados em duas partes. Na primeira são apresentados resultados gerais da empresa: nome da empresa, formação do gestor, tempo de atuação do gestor na empresa, quantidade e “classificação” do gestor, produtos vendidos, quantidade de empregados, faturamento e contabilidade da empresa. As empresas são aqui denominadas como A, B, C e D.

Já na segunda parte são apresentados resultados relacionados à gestão financeira da empresa: elaboração de orçamento empresarial; utilização de técnicas de gestão do caixa, gestão dos valores a receber, gestão de estoques e gestão dos valores a pagar; elaboração de orçamento de caixa e classificação de itens considerados importantes na gestão do capital de giro.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

3.1.1 Empresa

Das quatro empresas pesquisadas, nenhuma indicou razão social (ou nome de fantasia). Embora as empresas não tenham sido indicadas, pode-se informar que a pesquisa foi realizada em quatro lojas de calçados, localizadas no município de Cajazeiras – PB.

Em um outro momento, foi elaborado uma série de perguntas estruturadas, as quais foram aplicadas a um contador que trabalha em uma empresa de Contabilidade situada no município de Cajazeiras, atuando há 28 anos no mercado de trabalho. Onde foi possível compreender a visão do mesmo sobre Capital de Giro, bem como, a sua aplicabilidade na prática. Foi realizado também, uma entrevista com uma professora graduada em Ciências Contábeis e pós graduada em Gestão de Negócios que atua em outra empresa da cidade de Cajazeiras, com 12 anos de atuação no mercado.

3.1.2 Formação do gestor responsável pela administração do capital de giro ou administração financeira da empresa

Com relação à formação do gestor responsável pela administração do capital de giro ou administração financeira da empresa, 1 (25%) disse ser pós graduado em Filosofia, e 3 (75%) possuem ensino médio completo. O gestor pós graduado em Filosofia não indicou qual curso de graduação concluiu.

Tabela 1: Formação do gestor responsável pela empresa

Opções	Empresas	Qtde
Pós graduação	C	1
Graduação	-	-
Técnico	-	-
Ensino Médio	A, B, D	3
Outra	-	-
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Vital (2010) explica que a formação adequada para ocupar o cargo de gestor financeiro é o profissional formado em Administração. Isso porque os gestores ocupam-se do planejamento e controle financeiro, além de suas atividades estarem diretamente relacionadas com a estratégia organizacional. Não corroborando com o presente estudo em questão, uma vez que, os profissionais da área contábil e econômica são também os mais indicados para o controle financeiro e o planejamento estratégico das instituições.

Os resultados obtidos assemelham-se aos apresentados por Amaral (2009), onde 60% afirmaram possuir Segundo Grau (Ensino Médio), 30% Graduação e 10% Pós graduação (Especialização, em curso). Percebe-se, em ambas pesquisas, uma maior número de gestores (atuantes na área financeira) com Ensino Médio.

3.1.3 Tempo de atuação, na empresa, do gestor responsável pela administração do capital de giro

No que tange ao tempo de atuação do gestor na empresa, as respostas variaram entre 6 e 14 anos. Um respondente afirmou atuar na empresa há 7 anos (Empresa A) e os demais afirmaram atuar na empresa há 12 (Empresa B) e 14 (Empresa C), (Empresa D) anos. Vale salientar que o contador possui 4 anos de atuação na empresa que desempenha serviço e a especialista tem 3 anos de atuação.

Agrupando os períodos em classes, percebe-se que 1 (25%) atua na empresa de 6 a 10 anos e 3 (75%) dos atuam na empresa por um período de 11 a 15 anos. Os resultados corroboram com o que foi encontrado por Amaral (2009, p. 94), onde “70% dos profissionais trabalham nas suas respectivas empresas por mais de onze anos, ou seja, pode-se afirmar que eles possuem significativa experiência acerca do negócio em que atuam”.

3.1.4 Gestores responsáveis pela administração financeira da empresa

Será demonstrado a seguir, a tabela contendo os dados referentes aos responsáveis pela administração financeira da empresa.

Tabela 2: Qual (is) o(s) gestor(es) responsável(eis) pela administração financeira da empresa

Gestores da empresa	Empresas	Qtde
Um único sócio	B	1
Um único funcionário	-	-
Dois ou mais sócios	-	-
Dois ou mais funcionários	A, C, D	3
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Quanto ao(s) gestor(es) responsável(eis) pela administração financeira da empresa, 3 (75%) disseram que a Empresa A, C e D, possuem 2 ou mais sócios, e apenas 1 (25%) respondeu ter somente um sócio, como é o caso da Empresa B.

Comparando o presente estudo ao elaborado por Amaral (2009), nota-se que ambos não corroboraram, pois, a partir das respostas, concluiu-se que a maioria das empresas constituintes dessa amostra são controladas por membros da mesma família, sendo que apenas uma empresa disse ter uma diretoria mista, ou seja, profissional e familiar concomitantemente.

3.1.5 Atividade Econômica

No que se refere à Atividade Econômica, 4 (100%) das empresas vendem: bolsas femininas, chinelos femininos e masculinos, sapatos femininos e masculinos, sandálias femininas e masculinas, artigos de couro, calçados infantis, tênis feminino e masculino; e com 3 (75%) das respostas as botas femininas e as bolsas masculinas.

Tabela 3: No que se refere a Atividade Econômica, a empresa vende

Atividade Econômica	Empresas	Qtde
Bolsas femininas	A, B, C e D	4
Botas femininas	A, B, C e D	3
Chinelos femininos	A, B, C e D	4
Jaquetas femininas	A, B, C e D	-
Sapatos femininos	A, B, C e D	4
Sandálias femininas	A, B, C e D	4
Bolsas masculinas	A, B, C e D	3
Botas masculinas	A, B, C e D	4
Chinelos masculinos	A, B, C e D	4
Jaquetas masculinas	A, B, C e D	-
Sapatos masculinos	A, B, C e D	4
Sandálias masculinas	A, B, C e D	4
Artigos de couro	A, B, C e D	4
Calçados infantis	A, B, C e D	4
Tênis femininos	A, B, C e D	4
Tênis masculinos	A, B, C e D	4
Outros (s) Especificar	A, B, C e D	-
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Analisando de forma geral, as empresas apresentam basicamente os mesmos tipos de produtos.

3.1.6 Quantidade de profissionais da empresa

No que concerne o quadro de funcionários da empresa, as respostas variaram entre 11 e 49 profissionais. De modo que as Empresas (A, B e C) possuem de 11 a 20 profissionais, e apenas a empresa D apresenta mais de 41 a 49 profissionais.

Tabela 4 . Quadro de profissionais

Quadro de funcionários	Empresas	Qtde
Até 10	-	-
De 11 a 20	A, B, C	3
De 21 a 40	-	-
Mais de 41 a 49	D	1
Total	-	4

FONTE: Dados da pesquisa (2013).

Vale salientar que essa quantidade de profissionais é proposta pelo Serviço Brasileiro de Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

3.1.7 Faturamento bruto da empresa

Quando indagados sobre o faturamento total Bruto da empresa no período de 2012, expuseram o seguinte:

Tabela 5: Faturamento total Bruto em 2012

Faturamento Bruto	Empresas	Qtde
até 2,4	A, B, C e D	4
2,401 a 7	A, B, C e D	-
7,001 a 11	A, B, C e D	-
11, 001a 16	A, B, C e D	-
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Com relação ao faturamento total Bruto em 2012, todas as empresas (A, B, C e D) apresentaram até 2,4 milhões, o que implica dizer que permeiam os valores mínimos considerados pelo BNDES. Souza (2007) explica que o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) é uma empresa pública

federal, vinculada diretamente ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, que tem como finalidade financiar a longo prazo os empreendimentos que contribuem para o desenvolvimento do país.

Esse faturamento anual é compreensível, de modo que, por se tratarem de microempresas os valores são condizentes aos que são propostos pelo BNDES.

3.8 Contabilidade “dentro da empresa” e contabilidade “fora da empresa”

Ao serem indagados se a contabilidade é feita dentro da empresa ou fora da empresa, 25% dos questionados responderam que a contabilidade é feita dentro da empresa, e 75% explicitaram que ocorre fora da empresa.

O resultado é semelhante ao obtido por Amaral (2009), no qual 30% afirmaram que a contabilidade é terceirizada e 70% afirmaram possuir contabilidade própria.

Tabela 6: Contabilidade “dentro da empresa” e “fora da empresa”.

Contabilidade “dentro e fora da empresa”.	Empresas	Qtde
Dentro	D	1
Fora	A, B, C	3
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Amaral (2009) utiliza a expressão contabilidade própria (a função é exercida por contador próprio), para expressar a contabilidade “dentro da empresa” e, a expressão contabilidade terceirizada (a função é exercida por um escritório de contabilidade), para expressar a contabilidade “fora da empresa”.

A respeito das respostas do Contador e da especialista, quando indagados a respeito da contabilidade terceirizada “fora da empresa” e da contabilidade própria “dentro da empresa”, foi:

Contador: prática percebida: “Em nossa cidade percebe-se que a prática é de terceirizar a contabilidade, apenas empresas de grande porte fazem contabilidade dentro da empresa, principalmente as que possuem varias filiais”; sobre os resultados: “Podem influenciar, tendo em vista a praticidade dos procedimentos”;

vantagens: “dentro da empresa, mão de obra exclusiva, agilidade, controle interno, fora da empresa, mão de obra especializada, atualizada, economia”.

Professora: prática percebida: “contabilidade é terceirizada com empresas pequenas e grandes porte, são raras as empresas que possuem contabilidade própria”; sobre os resultados: “Sim. Porque fica defasados a entrega de relatórios importantes para a tomada de decisão”; vantagens: “acompanhamento próximo com orçamentos”; desvantagens: não visualização dos relatórios, exemplo: vendas, custos”.

Vale destacar que o contador não expos nenhum tipo de desvantagem a respeito da contabilidade realizada “dentro ou fora da empresa”.

3.2 DADOS REFERENTES AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

Utilizando-se o instrumento de pesquisa, procurou-se saber se a empresa elabora (I) orçamento empresarial; se a empresa utiliza técnicas de (II) gestão do caixa; (III) gestão dos valores a receber; (IV) gestão de estoques; (V) gestão dos valores a pagar; e, também, se a empresa elabora (VI) orçamento de caixa.

Com relação ao orçamento empresarial, foi dada ao respondente a oportunidade de escolha das opções () Sim e () Não. Nos demais itens, foi dada a oportunidade de escolha das opções () Sim; () Não e () Não sei responder. Nestes itens, foi incluído espaço para comentários.

3.2.1 Orçamento empresarial

Ao serem abordados sobre a elaboração do Orçamento Empresarial, 1 (25%) dos entrevistados disseram que sim e 3 (75%) dos mesmos disseram que não.

Tabela 7: Orçamento empresarial

Orçamento Empresarial	Empresas	Qtde
Sim	A	1
Não	B, C, D	3
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

O orçamento empresarial incide nas organizações como sendo uma ferramenta de gestão necessária para a tomada de decisão, Cremonezzi et al (2010), explicam que o orçamento surgiu da necessidade do mercado, levando as empresas em busca da perfeição e da concorrência, sendo entendido como uma prévia de despesas e investimentos dentro das mesmas.

A respeito dos comentários realizados pelos profissionais (contador e especialista), obteve-se as seguintes indagações, respectivamente:

Contador - Prática percebida: “nas empresas de nossa região é comum encontrarmos administradores que façam a elaboração de orçamento, fazem apenas estimativas”; influencia os resultados: “isso com certeza”; vantagens: “economia dos processos, conhecimentos do mercado, entender as necessidades, previsão de períodos sazonais”; desvantagens: “rever muito tempo, custo de oportunidade”.

Especialista - Prática percebida: “empresas não elaboram seus orçamentos, são pouquíssimas as empresas que anualmente preparam seus orçamentos anuais”; influencia os resultados: “sim”; vantagens: “planejamento das metas para atingir e acompanhamento destas (exemplo: crescimento das vendas. Se deseja crescer?)”; desvantagens: “não se tem traçados planejamento para a empresa e tudo é afetado de acordo com o andamento da empresa”.

Em ambas as afirmações nota-se algumas particularidades, como é o caso da influência dos resultados.

3.2.2 Gestão caixa

Sobre a empresa utilizar-se de técnicas de gestão do caixa (caixa, bancos e aplicações financeiras), 3 (75%) disseram que não se utilizam, e 1 (25%) não souberam responder.

O resultado corrobora com o estudo realizado por Amaral (2009), que diz que a maioria das empresas não utiliza nenhuma das técnicas referenciadas no meio acadêmico, ou seja, administram seu caixa baseados na experiência de cada profissional, bem como na dinâmica das operações e peculiaridades da própria empresa.

Tabela 8: Gestão caixa

Gestão de Caixa	Empresas	Qtde
Sim	-	-
Não	A, B, C	3
Não sei responder	D	1
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Apoiando-se a partir da ideia dos profissionais contadores entrevistados, obtive-se as seguintes afirmativas: prática percebida: “parece que as empresas da nossa cidade e região adotam um modelo específico quando a própria empresa”; influencia os resultados: “sim”; vantagens: “elaborado alinhado ao orçamento empresarial pode trazer maior rentabilidade a empresa”; desvantagens: “não vejo desvantagens”. Prática percebida: “pouco conhecido”; influencia os resultados: “sim”; vantagens: “suprir necessidade de giro da empresa em caso de descasamento do fluxo de caixa e ciclo financeiro da empresa”; desvantagens: descasamento de caixa.

De modo geral, os pontos de vista de ambos os profissionais são coerentes, porém com certa discrepância no que refere-se às desvantagens.

3.2.3 Valores receber

A respeito da utilização de técnicas de gestão dos valores a receber por parte das empresas, 2 (50%) responderam que sim e os outros 2 (50%) disseram que não sabem a resposta. Segundo Souza (2007) os valores a receber requerem que o tomador do empréstimo endosse os títulos, passando o direito do recebimento para o banco.

Tabela 9: Valores receber

Opções	Empresas	Qtde
Sim	C, B	2
Não	-	-
Não sei responder	A, D	2
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Sobre as técnicas de gestão dos valores a receber, o Contador e a Especialista, especificaram que: prática percebida: “parece ser o item da administração em que os administradores tem maior atenção, mas possuem estratégias próprias de gestão”; influencia os resultados: “com certeza, esse controle tem uma influência direta no capital de giro”; vantagens: “esse controle através de uma técnica eficaz, comprovada cientificamente aumenta a liquidez da empresa”; desvantagens: “caso seja flexível, pode não ser o ideal em período sazonal”.

Queiroz; Cavalheiro (2003), definem sazonalidade como o conjunto dos movimentos ou flutuações com período igual ou inferior a um ano, sistemáticos, mas não necessariamente regulares, que ocorrem numa série temporal., assim a sazonalidade é o resultado de causas naturais, econômicas, sociais e institucionais.

3.2.4 Estoques

Quando questionados sobre as técnicas de gestão de estoques utilizadas, 3 (75%) responderam que sim e 1 (25%) não sabe a resposta.

Com base na pesquisa realizada por Amaral (2009), nota-se que houve divergências com o presente estudo, uma vez que, Amaral (2009) apontou que as empresas disseram não utilizar nenhuma das técnicas de administração de estoques presentes na literatura. Afirmando controlar o estoque através de um sistema de processamento eletrônico de dados

Tabela 10: Estoques

Opções	Empresas	Qtde
Sim	A, B, C	3
Não	-	-
Não sei responder	D	1
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

3.2.5 Valores a pagar

Ao serem indagados sobre as técnicas de gestão dos valores a pagar, 3 (75%) responderam que sim e 1 (25%) não soube a resposta.

Os profissionais, contador e professor, expuseram com relação a prática percebida: “não identifico a prática de técnicas formais, apenas provisões de acordo com as compras”; influencia os resultados: “influencia, conforme a liquidez da empresa”; vantagens: “o bom planejamento mantém um excelente capital de giro”; desvantagens: “não vejo desvantagens”. Prática percebida: “pouco utilizada (técnicas)”; influencia os resultados: “a utilização de produtos financeiros para suprir eventuais necessidades de giro de curto e longo prazo é importante para que a empresa não venha a ter um custo de capital maior e eventualmente maior gasto”;

Tabela 11: Valores a pagar

Opções	Empresas	Qtde
Sim	A, B, C	3
Não	-	-
Não sei responder	D	1
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

3.2.6 Orçamento caixa

Quanto a elaboração do orçamento de caixa, 1 (25%) disseram que há essa elaboração, 1 (25%) responderam que não sabe a resposta e 2 (50%) explicitaram que não existe orçamento de caixa. Härter (2010) pondera que na elaboração do orçamento de caixa podem ser utilizados as projeções de vendas, produção e despesas operacionais, considerando os prazos médios de vendas e compras com as prováveis datas de recebimentos e pagamentos no período orçado, como também as futuras aquisições de itens do ativo imobilizado, os aumentos de capital social da empresa.

O orçamento de caixa tem como objetivos básicos, para Cremonuzzi et al (2010), determinar o saldo de caixa no final do período orçado e estabelecer da maneira mais precisa valores e datas em que ocorrerão os pagamento e recebimentos.

Tabela 12: Orçamento caixa

Orçamento de caixa	Empresas	Qtde
Sim	A	1
Não	B, C	2
Não sei responder	D	1
Total	-	4

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

3.2.7 Gestão do capital de giro

Solicitou-se aos respondentes que indicassem, dentre os itens listados, aqueles considerados mais necessários para uma gestão eficaz do capital de giro, em ordem de importância.

Esses itens serão separados de acordo com as respostas de cada empresa e organizados pela ordem de importância mencionada por cada um deles.

Tabela 13: Gestão do Capital de giro

Gestão do Capital de giro	Empresa	Ordem e importância
Apuração Fiscal (PIS, COFINS, IRPJ, ISSQN, Enc. Sociais)	A	1
Prazo Médio de Estocagem	A	2
Folha de Pagamento	A	3
Controle de Estoques	A	4
Controle de Caixas, Banco e Aplicações Financeiras	A	5
Total	-	-
Gestão do Capital de giro	Empresa	Ordem e importância
Prazo Médio de Estocagem	B	1
Capital Circulante	B	2
Controle de Caixas, Banco e Aplicações Financeiras	B	3
Estimativa de potencial de perda com créditos	B	4
Ciclo Operacional	B	5
Total	-	-
Gestão do Capital de giro	Empresa	Ordem e importância
Controle de Estoque	C	1
Estimativa de potencial de perda com créditos	C	2
Indicadores de Liquidez (Imediata, Seca, Corrente, Geral)	C	3
Necessidade de Capital de Giro	C	4
Prazo Médio de Estocagem	C	5
Total	-	-
Gestão do Capital de giro	Empresa	Ordem e importância
Controle de Estoque	D	1
Estimativa de potencial de perda com créditos	D	2
Prazo Médio de Estocagem	D	3
Indicadores de Liquidez (Imediata, Seca, Corrente, Geral)	D	4
Controle de contas a pagar	D	5
Total	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

No que se refere ao que aos aspectos que a empresa considera necessário (os) para uma gestão eficaz do capital de giro, de acordo com a ordem de importância, os itens foram lembrados da seguinte forma: em primeiro lugar se encontram - Apuração Fiscal (PIS, COFINS, IRPJ, ISSQN, Enc. Sociais), Prazo

Médio de Estocagem e Controle de Estoque; em segundo lugar: Prazo Médio de Estocagem, Capital Circulante Líquido, Estimativa de potencial de perda com créditos; em terceiro lugar: Controle de Estoque, Estimativa de potencial de perda com créditos, Indicadores de Liquidez (Imediata, Seca, Corrente, Geral), Prazo Médio de Estocagem; em quarto lugar: Controle de Estoques, Estimativa de potencial de perda com créditos, Necessidade de Capital de Giro – NCG e Indicadores de Liquidez (Imediata, Seca, Corrente, Geral); em quinto lugar: Controle de Caixas, Banco e Aplicações Financeiras; Ciclo Operacional; Prazo Médio de Estocagem; Pagamento da Folha. (Sugestões: reescrever adequando {a nova análise; reduzir tamanho do parágrafo).

A respeito das respostas do Contador e da Especialista, obtivemos os seguintes resultados, de acordo com a ordem de importância: Contador: “Ciclo Operacional, Ciclo Financeiro, Controle de Estoques, Indicadores de Liquidez (Imediata, Seca, Corrente, Geral), Folha de Pagamento”. Especialista: “Ciclo Operacional, Orçamento de Caixa, Controle de Caixa, Banco e Aplicações Financeiras, Controle de Estoque e Capital Circulante de Líquido”. O que foi condizente com as respostas dos responsáveis pelas empresas.

De acordo com o estudo de Amaral (2009), a uma maior preocupação das empresas, quando trata-se de administração do capital de giro, o que diz respeito aos itens mais básicos de gestão, que são: controle de contas a pagar, a receber, caixas e bancos. E que, itens como prazo médio de recebimento e pagamento, ciclos e, até mesmo, o próprio capital de giro, não recebe muita atenção de seus dirigentes.

Segundo Komatsu e Santana (2011), faz-se necessário o gerenciamento do capital de giro, já que é com esse recurso que a empresa mantém suas atividades operacionais, uma vez que, o capital de giro sofre impacto das diversas mudanças enfrentadas pela empresa, bem como recebíveis, contas a pagar, gerenciamento de estoques, gerenciamento de caixa, entre outros. Atores como a rotação de estoques, volume de vendas, prazo de pagamento, prazo de recebimento, ciclo financeiro, investimentos permanentes e capital de terceiros se mal gerenciados

podem causar sérios problemas e trazer consequências irreparáveis para a empresa.

4 CONSIDERAÇÃO FINAIS

A partir de todas essas considerações nota-se que o capital de giro é primordial para que se possa identificar os recursos que giram várias vezes em determinado período, correspondendo assim a uma parcela de capital aplicada pela empresa em seu ciclo operacional.

Assim, ao longo da pesquisa foi possível encontrar algumas variáveis, como por exemplo, o perfil do gestor responsável pela administração do capital de giro ou administração financeira da empresa, onde a maioria possui ensino médio completo, e atuam de 11 a 15 anos na mesma. Quanto aos gestores responsáveis, as empresas possuem, em sua maioria, 2 ou mais sócios na sua composição.

A respeito da Atividade Econômica as empresas vendem: bolsas femininas, chinelos femininos e masculinos, sapatos femininos e masculinos, sandálias femininas e masculinas, artigos de couro, calçados infantis, tênis feminino e masculino; e botas femininas e as bolsas masculinas. Possuem um quadro de 11 a 20 profissionais, e com relação ao faturamento total chega ao valor bruto de 2,4 milhões.

Em geral a contabilidade, ocorre fora da empresa, porém as mesmas elaboram o orçamento empresarial e metade delas, utilizam técnicas de gestão dos valores a receber. Apresentam também técnicas de gestão de estoques e de gestão dos valores a pagar. No que concerne a elaboração do orçamento de caixa, observou-se que a metade das empresas não utilizam esse tipo de orçamento.

Com relação aos aspectos que a empresa considera necessário (os) para uma gestão eficaz do capital de giro, elementos como: Apuração Fiscal (PIS, COFINS, IRPJ, ISSQN, Enc. Sociais), Prazo Médio de Estocagem e Controle de Estoque, encabeçaram a lista dentre os mais importantes aspectos, citados pelos entrevistados.

No que se refere aos profissionais formados em ciências contábeis, observa-se que ambos têm posicionamentos distintos em algumas respostas, como por exemplo, nas desvantagens de ter uma contabilidade terceirizada “fora e dentro da empresa”. Porém na maioria das respostas, apresenta-se muitas particularidades, como é o caso da importância do ciclo operacional tido como prioridade para um gestão eficaz do capital de giro.

Assim, conclui-se que a pesquisa foi de suma importância, pois, nota-se que praticamente não há muitos estudos a respeito da temática, o que dificultou a análise dos dados e o confronto direto com a literatura. Essa investigação possibilitou obter uma visão mais amplificada de como as empresas calçadistas atuam no mercado de trabalho, bem como, as suas principais características. O que servirá de base para eventuais estudos na área.

O fato de os empresários não terem feito os comentários solicitados leva à reflexão da busca por outros meios de se obter a “opinião”, o detalhamento das práticas adotadas. A realização de entrevista gravada (com gravação de voz ou voz e vídeo) pode ser uma alternativa sugerida para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Katiúscia da Silva. **Estudo sobre a contribuição da informação contábil na gestão do capital de giro em empresas calçadistas do Vale do Rio dos Sinos**. 2009. 127p. Monografia [graduação]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19148/000734166.pdf?sequence=1>>. Acesso em 26 de março de 2013.

ASSAF NETO, Alexandre. Finanças corporativas e valor / Alexandre Assaf Neto. – 3. – 3. reimpr. – São Paulo : Atlas, 2008. 516 p.

Esqueceres

BUESA, Natasha Young. A Evolução Histórica da Contabilidade como Ramo do Conhecimento. **Revista Eletrônica Gestão e Negócios**, v. 1, n. 1, 2010.

Disponível em:

<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdfs/natasha_adm.pdf>. Acesso em: 26 de março de 2013.

BUESA, Natasha Young. A Evolução Histórica da Contabilidade como Ramo do Conhecimento. **Revista Eletrônica Gestão e Negócios**, v. 1, n. 1, 2010.

Disponível em:

<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdfs/natasha_adm.pdf>. Acesso em 26 de março de 2013.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração financeira: Uma abordagem introdutória**. Rio de Janeiro: Campus, 2006. 116 p.

CORRAR, Luiz J.; THEOPHILO, Carlos Renato (Coord.). **Pesquisa operacional: para decisão em contabilidade e administração – contabilometria**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

CORREIA, Vanessa. **Micro e pequenas despontam na geração de emprego formal no início do ano**. NET. Blog do Ministério de Trabalho e Emprego.

Disponível em: <<http://blog.mte.gov.br/?p=4984>>. Acesso em: 08 de maio de 2011.

CREMONEZZI, Aleandra Alves; et al. **Orçamento Empresarial: uma revisão teórica**. 2010. Disponível em:

<http://fgh.escoladenegocios.info/revistaalumni/artigos/Artigo_Alunas%20CC.pdf>. Acesso em: 16 de abril de 2013.

DIAS, Flávio Augusto da Silva; SGARBI, Julio Cesar. **A importância da gestão de capital de giro**. III Encontro Científico e Simpósio de Educação

Unisalesiano. Educação e Pesquisa: a produção do conhecimento e a formação de pesquisadores Lins. out, 2011. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2011/publicado/artigo0074.pdf>>. Acesso em 26 de março de 2013.

HAIR JR, Joseph F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração.** Porto Alegre: Bookman, 2005.

LOPES, de Sá. História Geral e das Doutrinas da Contabilidade. **NET.** Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/795628-hist%C3%B3ria-geral-das-doutrinas-da/>> Acesso em: 07 de maio de 2011.

MEGLIORINI, Evandir; WEFFORT, Elionor Farah Jreige; HOLANDA, Victor Branco. **Amostragem.** São Paulo: Atlas, 2010. In: CORRAR, Luiz J.; THEOPHILO, Carlos Renato (Coord.). **Pesquisa operacional: para decisão em contabilidade e administração – contabilometria.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NUNES, Leonor da C. Ferreira; SERRASQUEIRO, Zélia Mª da Silva. A informação contabilística nas decisões financeiras das pequenas empresas. **Rev. contab. finanç. ,** São Paulo, v. 15, n. 36, sept./dec., 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-70772004000300005&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 de abril de 2013.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **O impacto da Administração do capital de giro na geração de valor: um caso prático no setor de varejo eletrônico.** 2009. 79p. Monografia [graduação]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18188/000713702.pdf?...1>>. Acesso em 26 de março de 2013.

PAULO, Anderson de Oliveira; MOREIRA, Héber Lavor. **O capital de giro como fator estratégico para o desempenho econômico-financeiro das empresas: um estudo de caso.** Universidade Federal do Pará. 2003. Disponível em: <<http://www.peritocontador.com.br/artigos/colaboradores/O%20Capital%20de%20Giro%20como%20Fator%20Estrat%20E9gico%20para%20o%20Desempenho%20Econ%20F4mico-Financeiro%20das%20Empresas%20-%20Um%20Estudo%20de%20Casos..pdf>>. Acesso em 26 de março de 2013.

PEDROSA, Sérgio Eustáquio. **A busca da necessidade de capital de giro zero como possibilidade de aumento da geração de caixa das empresas - utopia ou realidade?.** 2009. 106p. Mestrado [Dissertação]. Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo. Pedro Leopoldo, 2009. Disponível em: <http://www.fpl.edu.br/2012/media/pdfs/05.mestrado/dissertacoes_2009/dissertacao_sergio_eutaquio_pedrosa_2009.pdf>. Acesso em: 26 de março de 2013.

PIRES, Eder Alexandre; PANHOCA, Luiz; BANDEIRA, Goubert Laertes da Rocha. Análise da influência do modelo dinâmico na geração de valor econômico

agregado nas empresas calçadistas listadas na Bovespa nos anos de 2005, 2006 e 2007. **Revista Gestão Organizacional**, v. 3, n. 2, jul./dez., 2010. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/viewFile/696/457>>. Acesso em: 26 de março de 2013.

QUEIROZ, Abelardo Alves; CAVALHEIRO, Darlene. **Método de previsão de demanda e detecção de sazonalidade para o planejamento da produção de indústrias de alimentos**. XXIII Encontro Nac. de Eng. de Produção (ENEGEP) – Ouro Preto, out, 2003. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2003_TR0101_0801.pdf>. Acesso em 16 de abril de 2013.

RAMOS, Marcus Vinícius Madruga. **Utilizando o ciclo operacional para fazer o orçamento de caixa e calcular a necessidade de capital de giro (NCG)**. Revista Científica de Escola de Gestão e Negócios.


SEBRAE. Conhecendo a MPE. 2005. Disponível em <<http://www.sebraesp.com.br/Principal/Conhecendo%20a%20MPE/>>. Acesso em: 22 de abril de 2011.

SEBRAE. **Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil. 2004**. Disponível em <http://www.sebrae.com.br/br/aprendasebrae/mortalidade_empresas.asp>. Acesso em 22 de abril de 2011.

SOARES, Patricia de Carvalho Diniz; FARIAS, Magno Willams de Macêdo; SOARES, Fábio Henrique de Lima. **Análise da Necessidade de Capital de Giro, Endividamento e Liquidez de uma Empresa do Ramo Sucoalcooleira: um Estudo de Caso na Usina Coruripe S/a**. Simposio em excelência tecnológica. 2011. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/artigos11/23314435.pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2013.

VITAL, Juliana Tatiane. **Gestão do capital de giro nas pequenas empresas industriais moveleiras de Santa Catarina**. 2010. 184p. Dissertação [Mestrado]. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94162/279699.pdf?sequencia=1>>. Acesso em 16 de abril de 2013.

APÉNDICES

	UNIVERSIDADE FEDERAL CAMPINA GRANDE CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS
---	---

APÊNDICE A
INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

1. Empresa: _____

2. Formação do gestor responsável pela administração do capital de giro ou administração financeira da empresa: <input type="checkbox"/> Pós graduação. Especificar: <input type="checkbox"/> Graduação. Especificar: <input type="checkbox"/> Técnico. Especificar: <input type="checkbox"/> Ensino Médio. <input type="checkbox"/> Outra. Especificar:
--

3. Tempo de atuação do gestor na empresa: _____ anos.

4. Qual(is) o(s) gestor(es) responsável(eis) pela administração financeira da empresa:	
<input type="checkbox"/> Um único sócio	<input type="checkbox"/> Dois ou mais sócios
<input type="checkbox"/> Um único funcionário	<input type="checkbox"/> Dois ou mais funcionários

5. No que se refere a Atividade Econômica, a empresa vende:		
<input type="checkbox"/> Bolsas femininas	<input type="checkbox"/> Bolsas masculinas	<input type="checkbox"/> Artigos de couro
<input type="checkbox"/> Botas femininas	<input type="checkbox"/> Botas masculinas	<input type="checkbox"/> Calçados infantis
<input type="checkbox"/> Chinelos femininos	<input type="checkbox"/> Chinelos masculinos	<input type="checkbox"/> Tênis femininos
<input type="checkbox"/> Jaquetas femininas	<input type="checkbox"/> Jaquetas masculinas	<input type="checkbox"/> Tênis masculinos
<input type="checkbox"/> Sapatos femininos	<input type="checkbox"/> Sapatos masculinos	<input type="checkbox"/> Outro(s). Especificar:
<input type="checkbox"/> Sandálias femininas	<input type="checkbox"/> Sandálias masculinas	

6. Quadro de profissionais:			
<input type="checkbox"/> Até 10	<input type="checkbox"/> De 11 a 20	<input type="checkbox"/> De 21 a 40	<input type="checkbox"/> Mais de 41 a 49

7. Faturamento (R\$ milhões) total Bruto em 2012:			
<input type="checkbox"/> até 2,4	<input type="checkbox"/> 2,401 a 7	<input type="checkbox"/> 7,001 a 11	<input type="checkbox"/> 11, 001a 16

8. A contabilidade é feita? Dentro da empresa Fora da empresa

9. A empresa elabora Orçamento Empresarial? Sim Não

10. A empresa utiliza técnicas de gestão do caixa (caixa, bancos e aplicações financeiras)?		
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Não sei responder
Comentários:		

11. A empresa utiliza técnicas de gestão dos valores a receber?		
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Não sei responder
Comentários:		

--

12. A empresa utiliza técnicas de gestão de estoques?

Sim Não Não sei responder

Comentários:

13. A empresa utiliza técnicas de gestão dos valores a pagar?

Sim Não Não sei responder

Comentários:


14. A empresa elabora orçamento de caixa?

Sim Não Não sei responder

Comentários:

15. Das informações abaixo, qual (is) a empresa considera necessária (as) para uma gestão eficaz do capital de giro?

	Ordem de importância:				
<input type="checkbox"/> Controle de Caixas, Banco e Aplicações Financeiras	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Controle de Contas a Receber	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Controle de Estoques	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Controle de Contas a Pagar	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Folha de Pagamento	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Estimativa de potencial de perda com créditos	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Apuração Fiscal (PIS, COFINS, IRPJ, ISSQN, Enc. Sociais)	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Ciclo Operacional	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Ciclo Econômico	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Ciclo Financeiro	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Orçamento de Caixa	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Prazo Médio de Estocagem	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Prazo Médio de Recebimento de Vendas	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Prazo Médio de Pagamento à Fornecedores	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Indicadores de Liquidez (Imediata, Seca, Corrente, Geral)	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Capital Circulante Líquido	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Necessidade de Capital de Giro – NCG	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
<input type="checkbox"/> Outra(s). Especificar:	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)

	UNIVERSIDADE FEDERAL CAMPINA GRANDE CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS
---	---

APÊNDICE B
INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

1. Empresa:	
--------------------	--

2. Tempo de atuação da empresa:	anos.
--	-------

3. Principais municípios de atuação da empresa:		
<input type="checkbox"/> Cajazeiras	<input type="checkbox"/> Campina Grande	<input type="checkbox"/> João Pessoa
<input type="checkbox"/> Patos	<input type="checkbox"/> Pombal	<input type="checkbox"/> Sousa
<input type="checkbox"/> Outros. Especificar:		

4. Formação do(a) empresário(a):
<input type="checkbox"/> Pós graduação. Especificar: <input type="checkbox"/> Graduação. Especificar: <input type="checkbox"/> Técnico. Especificar: <input type="checkbox"/> Ensino Médio. <input type="checkbox"/> Outra. Especificar:

5. Tempo de atuação na empresa:	anos.
--	-------

6. Contabilidade terceirizada (“fora da empresa”) e contabilidade própria (“dentro da empresa”). - Prática percebida (ênfase nas empresas comerciais de Cajazeiras e Sousa)? - Influencia os resultados da empresa? - Características: vantagens, desvantagens.
Comentários:

7. Elaboração de orçamento empresarial. - Prática percebida (ênfase nas empresas comerciais de Cajazeiras e Sousa)? - Influencia os resultados da empresa? - Características: vantagens, desvantagens.
Comentários:

8. Utilização de técnicas de gestão do caixa (caixa, bancos e aplicações financeiras)
--

- Prática percebida (ênfase nas empresas comerciais de Cajazeiras e Sousa)?
- Influencia os resultados da empresa?
- Características: vantagens, desvantagens.

Comentários:

9. Utilização de técnicas de gestão dos valores a receber

- Prática percebida (ênfase nas empresas comerciais de Cajazeiras e Sousa)?
- Influencia os resultados da empresa?
- Características: vantagens, desvantagens.

Comentários:

10. Utilização de técnicas de gestão de estoque

- Prática percebida (ênfase nas empresas comerciais de Cajazeiras e Sousa)?
- Influencia os resultados da empresa?
- Características: vantagens, desvantagens.

Comentários:

11. Utilização de técnicas de dos valores a pagar

- Prática percebida (ênfase nas empresas comerciais de Cajazeiras e Sousa)?
- Influencia os resultados da empresa?
- Características: vantagens, desvantagens.

Comentários:

12. Elaboração de orçamento empresarial

- Prática percebida (ênfase nas empresas comerciais de Cajazeiras e Sousa)?
- Influencia os resultados da empresa?
- Características: vantagens, desvantagens.

Comentários:

13. Das informações abaixo, qual (is) considera necessária (as) para uma gestão eficaz do capital de giro?					
	Ordem de importância:				
() Controle de Caixas, Banco e Aplicações Financeiras	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Controle de Contas a Receber	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Controle de Estoques	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Controle de Contas a Pagar	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Folha de Pagamento	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Estimativa de potencial de perda com créditos	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Apuração Fiscal (PIS, COFINS, IRPJ, ISSQN, Enc. Sociais)	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Ciclo Operacional	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Ciclo Econômico	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Ciclo Financeiro	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Orçamento de Caixa	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Prazo Médio de Estocagem	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Prazo Médio de Recebimento de Vendas	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Prazo Médio de Pagamento à Fornecedores	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Indicadores de Liquidez (Imediata, Seca, Corrente, Geral)	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Capital Circulante Líquido	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Necessidade de Capital de Giro – NCG	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)
() Outra(s). Especificar:	(1ª)	(2ª)	(3ª)	(4ª)	(5ª)